ISSN: 2358-8829

APRENDENDO A JOGAR O PRECONCEITO PARA LONGE: JOGOS MATEMÁTICOS AFRICANOS COMO PRÁTICA DE INCLUSÃO SOCIAL EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DO RECIFE

Millena Paiva de Melo [1]

INTRODUÇÃO

Os jogos matemáticos constituem importantes recursos pedagógicos para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da criatividade, da autonomia e da aprendizagem matemática. Quando associados a diferentes contextos culturais, esses jogos podem ampliar ainda mais suas possibilidades educativas, uma vez que permitem compreender a Matemática não apenas como um conjunto de regras e procedimentos, mas como um conhecimento construído historicamente por diferentes povos e presente em diversas formas de organização da vida cotidiana. Nesse sentido, os jogos matemáticos africanos apresentam-se como uma possibilidade de aproximar o ensino da Matemática da diversidade cultural, contribuindo para a valorização de saberes historicamente invisibilizados no espaço escolar.

A utilização de jogos de origem africana em sala de aula pode, portanto, constituir uma estratégia para promover uma aprendizagem mais significativa, inclusiva e culturalmente contextualizada. Jogos como Shisima, Yoté, Tsoro e Mancala**,** presentes em diferentes comunidades e tradições africanas, ultrapassam a dimensão do entretenimento, pois carregam conhecimentos relacionados à história, às tradições, às formas de organização social e ao cotidiano dos povos que os desenvolveram. Ao serem incorporados às práticas pedagógicas, podem possibilitar o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao raciocínio lógico e matemático, ao mesmo tempo em que favorecem o contato dos estudantes com diferentes culturas e formas de produção do conhecimento.

[1] Pós- Graduanda do Curso de Especialização em Planejamento e Pesquisa Educacional da Fundação Joaquim Nabuco- PE, millena.pmelo@gmail.com

ISSN: 2358-8829

Essa perspectiva torna-se especialmente relevante diante da necessidade de ampliar a representação da cultura africana e afrodescendente no currículo escolar, contribuindo para a construção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade presente na sociedade brasileira. Ao conhecer jogos provenientes de diferentes contextos africanos, os estudantes podem ampliar seus conhecimentos sobre essas culturas, questionar estereótipos e desenvolver atitudes de respeito, empatia e reconhecimento da pluralidade cultural. Dessa forma, o ensino da Matemática pode assumir uma perspectiva interdisciplinar, articulando conhecimentos matemáticos, históricos, culturais e ambientais.

Além disso, a construção dos jogos com materiais recicláveis pode ampliar as possibilidades da proposta, articulando a aprendizagem matemática à educação ambiental e à reflexão sobre a reutilização de materiais. Essa prática pode favorecer a participação ativa dos estudantes na elaboração dos recursos utilizados durante as atividades, estimulando a criatividade, a colaboração e o sentimento de pertencimento ao processo de aprendizagem.

Diante desse contexto, esta pesquisa parte da seguinte problemática: de que forma a utilização de jogos matemáticos africanos em sala de aula pode contribuir para a inclusão social e para a valorização da diversidade cultural entre estudantes de diferentes origens? Parte-se da hipótese de que a utilização desses jogos pode ampliar a participação e o interesse dos estudantes pelas atividades matemáticas, especialmente daqueles que não se identificam com metodologias tradicionais de ensino. Considera-se, ainda, que o contato com jogos africanos pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural, para a compreensão e o respeito às diferentes culturas e para o reconhecimento de outras formas de produção e expressão do conhecimento matemático.

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo integrar jogos matemáticos africanos às práticas pedagógicas, buscando contribuir para uma compreensão da Matemática como um conhecimento vivo, significativo e relacionado às experiências cotidianas e culturais dos estudantes, com especial atenção à valorização das culturas africanas e afrodescendentes. Para isso, pretende-se introduzir jogos matemáticos africanos como forma de oportunizar aos estudantes o contato com culturas diferentes das suas; utilizar materiais recicláveis na construção dos jogos, promovendo simultaneamente a conscientização ambiental e a reutilização de materiais; explorar as

ISSN: 2358-8829

possibilidades matemáticas presentes nos jogos Shisima, Yoté, Tsoro e Mancala**,** favorecendo a participação de todos os estudantes, independentemente de seus níveis de conhecimento matemático ou de suas origens culturais; e, ainda, criar novas possibilidades de aprendizagem capazes de despertar a curiosidade, a motivação e o interesse pela Matemática.

Assim, ao articular Matemática, cultura, inclusão e educação ambiental, a proposta busca contribuir para uma prática pedagógica que reconheça a diversidade de saberes e experiências presentes na escola, possibilitando que os estudantes percebam a Matemática para além de conteúdos e procedimentos, compreendendo-a também como uma construção humana, histórica e cultural.

METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa sobre os jogos africanos e a partir desta, foram selecionados alguns para serem apresentados para os demais estudantes da escola, levando em consideração os seguintes aspectos: se podiam ser construídos facilmente com material reciclável; como é a dinâmica do jogo e; a história de sua origem e regras. Após a seleção, os jogos foram construídos e testados, possibilitando, após este trabalho, a avaliação de quais os conceitos matemáticos aplicados, além ter sido discutida a importância de aprender através de ferramentas de culturas diferentes e a necessidade de valorizar e respeitar essa diversidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização de jogos matemáticos africanos no contexto escolar fundamenta-se na compreensão de que a Matemática constitui um conhecimento produzido historicamente por diferentes povos e culturas. Nessa perspectiva, a Etnomatemática, proposta por Ubiratan D’Ambrosio, contribui para ampliar a compreensão do conhecimento matemático ao reconhecer que diferentes grupos sociais desenvolvem maneiras próprias de contar, medir, comparar, organizar, estabelecer estratégias e solucionar problemas de acordo com seus contextos culturais. Assim, a inserção de jogos africanos nas aulas de Matemática pode possibilitar o reconhecimento de conhecimentos que muitas vezes permanecem invisibilizados no currículo escolar.

ISSN: 2358-8829

Essa discussão relaciona-se à perspectiva decolonial, especialmente às contribuições de Aníbal Quijano, para quem a colonialidade estabeleceu formas de hierarquização dos conhecimentos e dos sujeitos, atribuindo centralidade aos referenciais europeus e inferiorizando outros modos de produzir conhecimento. Nesse sentido, trabalhar jogos de diferentes tradições africanas pode representar uma possibilidade de questionar a predominância de referências eurocentradas no ensino e ampliar o repertório cultural presente nas práticas pedagógicas. A proposta aproxima-se também das contribuições de Catherine Walsh, ao defender uma educação intercultural crítica que reconheça a existência de diferentes saberes e questione relações históricas de poder e desigualdade.

No campo educacional, Paulo Freire contribui para compreender a importância de uma prática pedagógica que valorize os saberes e as experiências dos educandos. Para o autor, o processo educativo deve partir do diálogo e reconhecer os conhecimentos construídos pelos sujeitos em suas experiências sociais e culturais. A utilização de jogos africanos pode, portanto, favorecer uma aprendizagem mais participativa e significativa, aproximando o conhecimento escolar das diferentes experiências culturais presentes na sala de aula.

A discussão sobre valorização da cultura africana e afro-brasileira também encontra respaldo nas contribuições de Nilma Lino Gomes, que destaca a importância da educação para as relações étnico-raciais e da valorização da identidade negra no espaço escolar. Essa perspectiva é fortalecida pela Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino. Dessa forma, a presença de elementos da cultura africana nas aulas de Matemática pode contribuir para superar uma abordagem limitada da cultura negra e favorecer práticas educativas comprometidas com a diversidade e a educação antirracista.

Por fim, os estudos de Tizuko Morchida Kishimoto sobre jogos e educação ajudam a compreender o potencial pedagógico dos jogos como recursos capazes de favorecer a interação, a participação e o desenvolvimento de aprendizagens. Nessa perspectiva, jogos como Mancala, Yoté, Shisima e Tsoro podem ser utilizados não apenas para desenvolver estratégias e raciocínio lógico-matemático, mas também como instrumentos de aproximação entre Matemática, cultura, história e diversidade. Assim, a proposta articula Educação Matemática, Etnomatemática, educação intercultural e

relações étnico-raciais, buscando contribuir para um ensino que reconheça diferentes formas de conhecimento e valorize a diversidade cultural presente no espaço escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os jogos Shisima, Yoté e Tsoro foram construídos com material reciclável e as suas regras foram estudadas, praticadas e transmitidas para grupos de alunos para que, a partir deste movimento, houvesse a multiplicação dos conhecimentos adquiridos. Já para o estudo e prática do jogo Mancala foi utilizado o material da disciplina de raciocínio lógico, além serem utilizadas bandejas de ovos e sementes diversas, como as de feijão. Além dos alunos compreenderem o raciocínio lógico e matemático envolvido, a origem histórica do jogo também era compartilhada, o que estimulou a vontade dos estudantes em conherem e compartilharem o que aprenderam sobre a cultura africana.



Jogos africanos construídos com material reciclável e jogo mancala MindLab . Fonte: Própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Integrar jogos matemáticos africanos na sala de aula é mais do que uma abordagem inovadora para o ensino da matemática; é uma maneira de promover a inclusão social e a valorização da diversidade cultural. Ao explorar e celebrar esses jogos, foi possível criar um ambiente de aprendizagem mais rico e inclusivo, onde todos os alunos têm a oportunidade de aprender, respeitar as diferentes culturas e crescer juntos sendo protagonistas de uma transformação social efetiva.

Palavras-chave: Educação matemática; Relações étnico-raciais; Práticas pedagógicas; Educação inclusiva; Cultura africana.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**.** 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura**,** Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, colonialidad y educación. Revista Educación y Pedagogía, Medellín, v. 19, n. 48, p. 25-35, 2007.

BRASIL**.** Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, DF, 2003.

KABORE, Aissatou.O Jogo Mancala: História e Estratégia. Dakar: Editora Cultural Africana, 2018

MENDES, Ana (Org.). Matemática e Cultura: Perspectivas Internacionais sobre Ensino e Aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 2019.

NDIAYE, Amadou. Jogos africanos e suas aplicações educacionais. Revista de Estudos Africanos, Dakar, v. 15, n. 2, p. 134-150, abr./jun. 2019.

COSTA, Luana. A inclusão cultural no ambiente escolar: jogos e atividades. Educação & Sociedade, Campinas, v. 41, n. 1, p. 75-90, jan./mar. 2022.